

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): JAYNE RODRIGUES DE ALMEIDA, JOANA OLIVEIRA DOS ANJOS, FLAVIA GABRIELLE CEZAR MIRANDA

DOCÊNCIA NO PIBID: Experiência do ensino da arte nos anos iniciais do ensino fundamental.

Introdução

Há 17 anos o ensino da disciplina Artes nas escolas públicas brasileiras é uma obrigação. Isso ocorreu graças a uma ideologia de artistas e professores norte-americanos para que a disciplina de artes fosse incrementada no currículo escolar. No Brasil, muitas foram as mudanças que perpassaram o desdobramento e ensino da arte, como ainda hoje há estudiosos do assunto que tentam metodologicamente melhorar o ensino da disciplina nas escolas públicas.

A intenção do presente artigo é, pois, transcorrer pela docência de arte nas escolas públicas brasileiras, e visa discutir a concepção de experiências de professores e estudantes de artes nas escolas públicas, com uma abordagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Propende, portanto, relatar impactos, dificuldades, problemáticas e experiências que permeiam o ensino da disciplina em uma escola pública do Município de Montes Claros.

Para análise e estudos do ensino da arte no Brasil, buscou-se embasamento teórico em autores como Barbosa (2001), Libâneo (1994) e Jonh Dewey (2010), com intuito de expor a história do ensino da arte, assim como as concepções e entraves por que passa o ensino da disciplina.

Posteriormente, pretende-se uma análise de campo onde serão apontadas as experiências de pibidianos na docência.

A historicidade do ensino de Artes no Brasil.

A arte, segundo Barbosa (2001), consagrada no currículo brasileiro em 1971 era uma das únicas disciplinas que poderia mostrar abertura à criticidade artística, já que naquela época a disciplina de filosofia tinha sido extinta do currículo disciplinar.

Na mesma década de incremento da disciplina de artes no currículo, havia decadência profissional do ensino da disciplina, visto que, no Brasil, não havia cursos em universidades destinados ao ensino da disciplina. Em época, havia as chamadas 'Escolinhas de arte' onde professores tentavam despertar o instinto de desenhar em crianças, por hora eram desenvolvidas atividades relacionadas com desenho, principalmente o desenho geométrico. Em contrapartida, os professores das escolinhas não poderiam lecionar a disciplina, visto que o currículo exigia um professor que tivesse ao menos dois anos de curso profissionalizante.

A partir de então, segundo Barbosa (2001, p.170) o Governo Federal decidiu criar um novo curso universitário para preparar professores para lecionar a disciplina Educação Artística. Criada pela nova lei, os cursos de arte-educação nas universidades foram desenvolvidos em 1973, compreendendo um currículo básico que poderia ser aplicado em todo o país. Esse novo curso pretendia preparar o professor de artes, em dois anos, para lecionar música, artes-visuais, dança, desenho e demais habilidades que o curso exige.

Segundo a mesma autora, torna-se absurda a visão dessa nova lei. É inegável a dificuldade que um professor, com apenas dois anos de estudos, teria ao lecionar todas as habilidades que a disciplina de artes exige.

A partir das várias observações e críticas referentes ao curto tempo de ensino universitário da disciplina, o cenário do ensino de artes começou a revelar mudanças a partir da Constituição de 1988, onde enseja espaços que condiz com a importância da arte, como direito de todo cidadão. Isso se revela verdade no artigo 206 onde se lê que "O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios (...). II — liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento".

Toda essa conquista deve-se em grande parte a intensa mobilização dos arte-educadores na década de 80, com organização de seminários e encontros que objetivaram, em princípio, a melhoria e qualificação da arte assim como seu reconhecimento no cenário nacional. A partir daí, novas leis e decretos foram sancionados, os políticos viam-se pressionados pelos movimentos arte-educação, e o cenário da disciplina de artes começou a tomar moldes e atingir universidades espalhadas por todo o estado.

Não é a intenção do presente estudo detalhar todos os processos que conduziram ao ensino de arte atual, porém é de suma importância que se tenha em mente as mudanças pelos quais passou a disciplina, e a luta dos arte-educadores em

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

conduzir o verdadeiro sentido da arte no currículo nacional.

A didática em arte: como consagrar o ensino-aprendizagem

Estudar *Didática* é fundamental para aquisição de habilidades na condução do ensino por parte do docente. Mais do que isso, é o caminho considerado ideal para se alcançar a aprendizagem dos alunos, desenvolvendo assim a capacidade cognoscitiva dos mesmos – a habilidade de aprender a aprender – que nada mais é do que compreender conteúdos, interpretá-los corretamente e os transpor para a vida em sociedade em forma de ferramentas, seja para resolução de problemas familiares, seja na melhoria das condições de trabalho ou ainda, e talvez mais importante, como crítica para formação e evolução social.

Libâneo (1994 p.21), um dos autores consagrados no estudo de didática, defende, assim, que é por meio da educação escolar que “democratizam-se os conhecimentos”, ou seja, é a forma que o trabalhador dispõe para alcançar formação de seus filhos, “adquirindo conhecimentos científicos e formando a capacidade de pensar criticamente os problemas e desafios postos pela realidade social”.

A atuação docente por meio da prática do ensino, então, envolve o aprendiz, mas atende “interesses de toda ordem – sociais, políticos, econômicos, culturais – que precisam ser compreendidos pelos professores”. (LIBÂNEO, 1994, p. 21).

Nestes termos, o autor considera como escolarização necessária:

aquela capaz de proporcionar a todos os alunos, em igualdade de condições, o domínio dos conhecimentos sistematizados e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais requeridos para a continuidade dos estudos, série a série, e para as tarefas sociais e profissionais, entre as quais se destacam as lutas pela democratização da sociedade. (LIBÂNEO, 1994, p. 34).

Diante do exposto, cabe ao professor, no desempenho de sua função, a intermediação dos objetivos de ensino. A sociedade, representada pelos pais, e regida pelo governo institui a escola dando-lhe obrigações de formar os filhos para viver e transformar essa sociedade. E a escola, por sua vez, confere ao professor a responsabilidade de alcançar as metas do ensino, papel que não é nada fácil, não só por se tratar de indivíduos em formação e pelas cobranças inerentes a função, mas por deter o compromisso de partilhar da decisão de futuro de cada indivíduo que rege.

Corroborando com esse raciocínio, Libâneo (1994) discute que a atuação do professor, que muitas vezes culpam a imaturidade, os pais ou os problemas emocionais pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos, deve ser orientada por boa formação profissional. A educação alcançada com bom desempenho ocorre quando o professor:

estimula o desejo e o gosto pelo estudo, mostra a importância dos conhecimentos para a vida e para o trabalho, exige atenção e força de vontade para realizar as tarefas; cria situações estimulantes de pensar, analisar, relacionar aspectos da realidade estudada nas matérias; preocupa-se com a solidez dos conhecimentos e com o desenvolvimento do pensamento independente; propõe exercícios de consolidação do aprendizado e da aplicação dos conhecimentos. (LIBÂNEO, 1994, p. 99)

Ainda nos termos do que podemos considerar boa educação, o professor deve “compreender, também, que as relações sociais existentes na sociedade não são estáticas, imutáveis, estabelecidas para sempre. Elas são dinâmicas, uma vez que se constituem pela ação humana na vida social” (LIBÂNEO, 1994, p. 21). O aprendiz inserido neste ambiente mutável, em constante ebulição, precisa ser preparado para intervir nesse meio como componente social e agente transformador.

Resultados e discussões

A legislação brasileira, atualmente, não destina um professor específico de artes para ministrar a disciplina nos anos iniciais, ela é lecionada pelo professor regente habilitado em licenciatura em pedagogia.

É notório, portanto, a dificuldade que alguns professores das séries iniciais enfrentam no ensino da disciplina. Por onde começar? O que ensinar? Com o intuito de vivenciar experiências novas é que o projeto realizado pelos pibidianos acadêmicos de artes, professor regente, escola e universidade teve o intuito de trocar experiências entre os acadêmicos e os alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Experiência pibidiana: o ensino da arte nos anos iniciais do ensino fundamental

Durante a experiência, foram trabalhadas temáticas envolvendo a significação das artes nas suas mais diversas manifestações, sempre procurando aproximar a teoria da realidade de cada criança. O retorno tem sido favorável. O discurso das crianças com relação aos termos típicos da arte já são fluente. Isso é perceptível quando fazem referência de cenas do cotidiano dentro dos conteúdos que estão sendo aplicados na sala, por exemplo: “meu primo é um artista, porque ele sabe desenhar qualquer coisa que você pedir: ele desenha até uma foto”; “a minha avó é uma artista, porque ela faz muito crochê, bordado e costura roupas”; “a minha irmã sabe tocar violão”; “eu gosto muito de balé e a minha mãe vai me colocar numa escola para aprender a dançar”, e assim por diante.

Outra característica extremamente interessante do Ensino Fundamental I, diferente das séries de alunos adolescentes, é a franqueza com que dão asas a imaginação. Os jovens têm maior receio à criação, como se temessem a crítica. Nos anos iniciais, tudo o que se propõe rendem muitos resultados. Para exemplificar, foi aplicada uma aula com escultura a base de massas de modelar. A proposta era reprodução de animais dentro de tema relacionado ao meio ambiente. Interessante como as crianças mergulham num mundo de fantasia extremamente propício a criatividade. Uma delas apresentou uma massinha modelada grosseiramente, mas o discurso de apresentação de sua obra de arte tinha um contexto extremamente interessante. Naquele simples formato ele conseguia enxergar um jacaré com vários poderes e boca enorme de um filme que ele tinha assistido.

É nessa faixa etária também que as crianças sonham com profissões que adotarão quando crescer. O Pibid permitiu reviver estas fantasias, afinal, quem nunca sonhou em ser uma grande bailarina ou um renomado astronauta? E isso é muito presente quando se está dentro de uma sala de aula do Ensino Fundamental I. Em vários momentos escuta-se: eu “quero ser cantora, como a Anita”, e o outro rebate, “você nem sabe dançar! Eu vou querer ser como o meu pai”. E assim o tempo em meio a este mundo fantasioso voa, chega a hora de partir, todos juntos abraçam os pibidianos e dizem “não vai ainda não, Tia, fica mais!”. O acadêmicos, então, saem pela porta ao encontro do mundo real com vontade de ter custado um instante a mais aquela experiência tão enérgica e pueril.

Conclusão

Todas as experiências vividas mostram o quanto a arte pode contribuir na formação do indivíduo, já que incita a criatividade ao mesmo tempo em que tenta fomentar o sonho, a fantasia e o irreal, tão palpável quando se mergulha no universo da arte.

Mais ainda do que a vivência do ensino fundamental com a arte é as contribuições e diálogos entre os acadêmicos pibidianos e os professores e funcionários da escola pública. A troca de informações, de opiniões e de didática entre o supervisor do Pibid e os acadêmicos é de extrema relevância para crescimento de ambos.

As experiências vividas e o projeto aplicado, então, contribuem para o crescimento profissional dos autores e, ainda mais importante, levam a arte para os alunos do ensino fundamental I de uma maneira jamais vista por eles.

Agradecimentos

Agradecemos àqueles que contribuíram de forma relevante ao trabalho realizado. Primeiramente, à coordenadora do PIBID-ARTES, a todos os pibidianos pela troca de experiências, à escola em que o projeto foi realizado, aos alunos e aos pais dos alunos.

Referências Bibliográficas

- LIBÂNEO, José C. Didática. São Paulo: Cortez
- FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. Metodologia do ensino da arte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Arte-educação no Brasil. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 132 p.
- DEWEY, John. A arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.